

❧{O Condenado}❧

Começa com uma criança que nunca foi adulta e acaba com um adulto que nunca foi criança.

Algo parecido.

Ou melhor: começa com um suicídio adulto e uma morte infantil e acaba com uma morte infantil e um suicídio adulto.

Ou com várias mortes e vários suicídios em idades variáveis.

Não tenho certeza. Não tem importância.

Como se sabe – se desculpa e se perdoa –, os números, os nomes, os rostos costumam ser os primeiros a se atirar do navio ou a saltar da plataforma durante o naufrágio dessa memória sempre a ponto de ser aniquilada sobre os trilhos do passado.

Uma coisa está clara: no fim do começo, no começo do fim, Peter Pan morre.

Peter Pan se suicida, e lá vem o metrô. O grito de aço que avança pelas tripas de Londres como uma maldição, como a mais feliz das almas penadas.

Peter Pan se atira nos trilhos no momento exato. Peter Pan é uma das duas pessoas por semana que – garantem as estatísticas – costumam se atirar nos trilhos com pontualidade britânica, justo antes da entrada triunfal do metrô.

Uma mulher grita ao vê-lo saltar. Uma mulher grita ao ver outra mulher gritar. Logo – os gritos são mais contagiosos que o riso, e são tantos os gritos desta história – é o próprio grito que salta de mulher em mulher, de boca em boca. E é esse mesmo grito que faz os vagões frearem, também gritando no esforço inesperado e inútil de parar todas essas rodas e todo esse aço sobre essas rodas. Sim, o mundo inteiro é, de improviso, um só grito.

É 5 de abril de 1960. É o hipotético dia do meu cada vez mais hipotético nascimento (o grito da minha hipotética mãe que abre as pernas e grita para eu sair lá de dentro com meu hipotético primeiro grito), e é o dia da morte e do suicídio do renomado editor Peter Llewelyn Davies, fundador da Peter Davies Ltd., considerado “um artista entre os editores”.

“Peter Pan torna-se editor”, foi a manchete com que, na época, um jornal noticiou o nascimento profissional desse homem que agora, neste anoitecer, deixa o Royal Court Hotel e atravessa a Sloane Square pensando que se tornou editor para combater o horror de ter sido personagem durante tantos anos, anos demais. E eu gosto de imaginar – porque fica tão bem no início de um livro, porque certos gestos são bastante reveladores de um protagonista – que Peter Llewelyn Davies é abordado por um anacrônico bando de crianças mendigas de Chelsea, e hesito na hora de decidir se lhes dou ou não dou um punhado de moedas. De uma coisa eu tenho certeza: Peter Llewelyn Davies desce as escadas da estação de metrô e espera por alguns minutos na plataforma até avistar a luz no fim do túnel, essa luz cada vez mais forte e próxima. Peter Llewelyn Davies salta sem gritar. Os outros que gritem, pensa Peter Llewelyn Davies no enorme segundo que seu

corpo demora a cair sobre os trilhos, e aí um clarão azul, e um cheiro de eletricidade, e as rodas, e o grito, e os gritos.

A necessidade de acreditar – se as espirais concêntricas do carma e as leis ziguezagueantes da reencarnação não o impossibilitassem – que o espírito imortal de Peter Llewelyn Davies abandona as ruínas de seu corpo e paira longe para penetrar quase no ato em meu recém-nascido corpo mortal é imensamente tentadora. Se fosse e tivesse sido assim, minha história seria tão clara, tão compreensível, que nunca mais seria preciso deixar as janelas abertas ou fechadas toda noite à espera da redenção ou do castigo que justificasse o curso de minha vida.

Mas, sinto muito, nada é tão simples assim, certas explicações são pertinentes, inevitáveis.

Certas explicações levam tempo.

Outras, nem tanto: Peter Llewelyn Davies é o verdadeiro nome de Peter Pan, ou Peter Pan é o verdadeiro nome de Peter Llewelyn Davies. Não importa quem é sombra de quem, qual dos dois está pregado aos calcanhares do outro. Agora o que importa são os vagões cheios de gente voltando para casa. Os gritos e o grito ricocheteando nos ladrilhos das paredes subterrâneas. O ar viciado lá embaixo, nesse eterno crepúsculo côncavo das estações de metrô.

Houve um tempo, pensa Peter Llewelyn Davies, em que descíamos a estas profundezas não para morrer, mas para continuarmos vivos. As luminosas noites longas e tribais da Segunda Guerra, da Guerra-Ainda-Maior-que-a-Grande-Guerra. E a palavra guerra traz más lembranças a Peter Llewelyn Davies, leva-o de volta a sua guerra, às trincheiras junto ao Somme.

Então Peter Llewelyn Davies se esforça para recordar a outra guerra, a guerra que veio depois da dele. A guerra em que ele não combateu, mas que também o apanhou; porque as guerras sempre dão um jeito de chegar até você, esteja onde estiver. Todos juntos aqui embaixo, nas estações de metrô transformadas em refúgios, cantando “We’ll Meet Again”, com Vera Lynn, aos brados, tentando abafar o grito das sirenes e os tremores do bombardeio. Todos juntos lendo à luz de lanternas revistas em que algum caricaturista retratava Hitler vestido de Capitão Hook, erguendo o gancho de ferro mas com o bigode muito menos magnífico que o do pirata. Todos bebendo um chá quase incolor e quase sem gosto de chá, como membros de uma sociedade secreta, como cristãos primitivos, como sacerdotes pré-históricos contando e pintando histórias para os muros. Todos juntos compartilhando o estranhamento e a contradição de afundar na terra para ficar mais perto de Deus, do céu. Isso mesmo, então o céu ficava embaixo da terra e o inferno no céu da Luftwaffe, e mais além, muito mais alto e mais longe, segunda estrela à direita e sempre em frente até o amanhecer, ficava Neverland.

Peter Llewelyn Davies olha para cima e para baixo e se aferra a seu guarda-chuva fechado e a sua pequena pasta para não sair voando, arrastado pelo vento de seu passado, até essa ilha distante habitada por corsários e crocodilos e pela terrível promessa da irresponsável infância eterna. É assim que Peter Llewelyn Davies se sente: leve como um fantasma de si mesmo; como uma radiografia do avesso, com os ossos do lado de fora; como se tivesse recuado no tempo e estivesse outra vez correndo por Kensington Gardens; como uma ficção farta de ter sido narrada tantas vezes e

à qual só resta a redenção deste final inesperado e definitivamente real, verídico.

Peter Llewelyn Davies tem 63 anos no momento de saltar, de se suicidar, de morrer. Peter Pan tem alguns anos a menos; mas a idade e a imprecisa precisão dos anos são o que menos conta quando se trata de Peter Pan ou de Peter Llewelyn Davies, que – segundo o laudo do legista, oito dias depois – “tirou a própria vida ao sofrer uma súbita perturbação de seu equilíbrio mental”.

Eu disse que Peter Llewelyn Davies salta, mas o mais lógico – normal, adequado, correto – seria imaginá-lo dando um pequeno passo à frente, onde não há mais plataforma: esse fim de um mundo plano como o dos mapas antigos; assistir à sua queda na goela de monstros e leviatãs. Mas não acho que seja o mais justo. Penso que há apenas um segundo na breve vida do suicida. O suicida vive *tão* pouco quanto certas borboletas: a viagem veloz, a respiração presa, um estalar de dedos ou um piscar de olhos, o *now you see it, now you don't* que se leva para ir de A a B. Então esse segundo tem de ser formidável, um instante de puro conhecimento, de saber tudo; e por acaso existe algo mais importante do que saber aonde vamos e quanto falta para chegar lá?

Penso no que pensa Peter Llewelyn Davies.

Peter Llewelyn Davies pensa em James Matthew Barrie, na dedicatória intitulada “Para os Cinco” que abria a edição em livro da peça que os imortalizou, em que ele disse a Peter e a seus irmãos:

... eu criei Peter Pan esfregando vocês cinco com força, como um selvagem tirando fogo de dois gravetos. Peter é apenas isso, a fálscua que roubei de vocês.